

LEILA DE AGUIAR COSTA

A ilusão da
imagem: a

écfrase,

da Antigüidade
ao século XX

N

esta que se pretende uma brevíssima apresentação de textos reunidos em torno do motivo retórico conhecido sob a denominação de écfrase, importa antes de mais nada procurar circunscrevê-lo para melhor compreendê-lo. E nada melhor do que recorrer à etimologia para lhe dar visibilidade: o substantivo écfrase (*ekphrasis*) vem do grego *Ekphrazein*, que quer dizer “proclamar, afirmar” ou, o que mais nos interessa aqui, “dar a palavra a um objeto inanimado”.

Os textos aqui reunidos foram apresentados na forma de conferência por ocasião do I Seminário sobre o Motivo da *Ekphrasis*, organizado pelo Projeto Temático Biblioteca Cicognara e a Constituição da Tradição Clássica (Fapesp/IFCH-Unicamp) e realizado nos dias 24 e 25 de junho de 2004 na Unicamp.

“Dar a palavra a um objeto inanimado”: tal parece ser a definição mais recorrente, desde as retóricas antigas, atribuída ao motivo da écfrase. Essa definição, aliás, terminará por se estender ao registro da descrição (*descriptio*), que comparece, por sua vez, sob duas fisionomias etimológicas, a saber, a *evidentia* ou a *enargeia*. Eis por que se passa do “dar a palavra a um objeto inanimado” ao “pôr sob os olhos” esse objeto inanimado. Costumou-se então a dizer, a partir daí, que a écfrase tem como objetivo e objeto confessos, seja qual for seu suporte, criar no espírito do leitor uma imagem mental, uma ilusão de “realidade” – e o termo realidade é a ser tomado em seu sentido primeiro, isto é, aquilo que diz respeito à *res*, coisa.

É precisamente o que busca Filóstrato em seus *Quadros (Eikones)*:

“Aí está uma ilusão completa: creio *ver* [grifo meu] não personagens pintadas, mas seres reais que se movem, que são presas do amor: pois os repreendo como se me ouvissem e imagino escutar a resposta que me dão. E você, que nada disse, você estava igualmente preso à ilusão; não soube, mais do que eu, defender-se contra o artifício do pintor e contra o sono da razão” (apud Chevalier, 2001, p. 301).

Como destaquei acima, o principal sentido convidado a participar da ilusão é a *visão* – vale lembrar que a écfrase pode ser

entendida, não por acaso, como um tropo sinônimo da hipotipose, figura tão cara às retóricas antigas e seiscentistas e que destaca precisamente os poderes do discurso de proceder à visualização de objetos e pessoas ausentes.

Ao longo de sua história, atribuiu-se pois à écfrase um poder de representação ímpar, isto é, ela foi investida da capacidade de se tornar o equivalente verbal de uma imagem visual. Estar-se-ia assim, e aqui empresto as palavras de Michel Riffaterre, no registro de uma “*mimesis* dupla”, da “representação de uma representação”.

Representação de uma representação. Ao me deparar com essa fórmula em Riffaterre, quando pensava naquilo que deveria apresentar como introdução deste conjunto de artigos, veio-me à memória uma bela passagem que parece muito bem se prestar como exergo aos ensaios que se seguirão. Trata-se do que nos diz Roland Barthes em *S/Z*, em uma rubrica intitulada “O Modelo da Pintura” – e creio que não é preciso sublinhar que há um motivo a assombrar os textos aqui reunidos, aquele do *ut pictura poesis* – a respeito da descrição no século XIX, mais especificamente do romance que a história da literatura considera como “realista”:

“Toda descrição literária é uma *vista*. Dir-se-ia que o enunciador, antes de descrever, posta-se à janela, não tanto para ver bem, mas para dispor o que ele vê em sua

própria tela: a abertura faz o espetáculo. Descrever é, pois, colocar a tela vazia que o escritor realista carrega sempre com ele (a tela é mais importante que seu cavalete) diante de uma coleção ou de um contínuo de objetos inacessíveis à palavra sem esta operação obsessiva [...]; para poder falar dos objetos, é preciso que o escritor, através de um rito inicial, transforme o 'real' em objeto pintado (emoldurado); depois disso, ele pode desprender esse objeto, *extraí-lo* de sua pintura. Dito em uma palavra: (d)escrever [*dé-peindre*]" (Barthes, 1970, p. 61, tradução minha).

Riffaterre fala em *mimesis* dupla; Barthes, de uma *mimesis* segunda que, na verdade, tem o poder de abrir a representação à circularidade ou, melhor ainda, a um *continuum* dos sentidos. *Mimesis* dupla, *mimesis* segunda, o que importa é que ambas dizem respeito ao problema mesmo que encerra o motivo da *écfrase*: como dar existência verbal, e de modo imagético, a imagens, a visões, a figuras, e a tantos outros termos do mesmo espectro semântico, já existentes?

Os textos que se seguem procuram, cada um a sua maneira, dar conta dessa interroga-

ção. No primeiro deles, que de certo modo se apresenta como exergo a todos os outros, clarificando seus operadores conceituais, João Adolfo Hansen percorre essencialmente a Antigüidade, interrogando-se em particular sobre o valor demonstrativo de que se investe a *écfrase* e sobre suas imbricações com a *evidentia*, com a *enargeia* e com a descrição; e, mais genericamente, refletindo sobre as definições que Hermógenes, Luciano e Filóstrato propõem para esse motivo retórico. No segundo, visito o século XVII francês, os autores Charles Perrault e André Félibien, os jardins de Versalhes, seu *décor* efêmero e suas maravilhas, procurando entender como os mecanismos *ecfrásticos* põem-se a serviço do aparato espetacular da representação do rei Luís XIV. Em seguida, Claudia Valladão Mattos volta seu olhar para o século XIX alemão, revelando o estudo que Goethe propõe sobre os *Quadros* de Filóstrato em sua busca de fundamentos de uma moderna teoria da arte. Concluindo, Osvaldo Fontes Filho detém-se sobre um texto mais recente, *A Idade Viril*, de Michel Leiris, em que a *écfrase* presta-se a resgatar imagens de um Panteão antigo para a erotização e mitologização do autor que ali se auto-retrata.

BIBLIOGRAFIA

- CHEVALIER, Raymond. "Les Voies de l'illusion dans l'Écphrasis: l'Exemple de Philostrate", in *La Littérature et les Arts Figurés. De l'Antiquité à nos Jours*. Actes du XIVe Congrès de l'Association Guillaume Budé, Limoges 25-28 août. Paris, Les Belles Lettres, 2001
- RIFFATERRE, Michael. "L'illusion d'Écphrasis", in *Literatura y Pintura*. Introducción, compilación de textos e bibliografía por Antonio Monegal. Arco/Livros S.L., 2000.
- BARTHES, Roland. *S/Z*. Paris, Flammarion, 1997.
-